

Vladimir Jankélévitch e Béatrice Berlowitz, *Em Algum Lugar do Inacabado*, Introdução, tradução e notas de Clóvis Salgado Gontijo, São Paulo: Perspectiva, 2021. ISBN: 978-6555050844

A obra de Vladimir Jankélévitch carece ainda de uma adequada difusão e, por força de razão, de uma recepção crítica cabal. Dar a conhecer este pensamento – profundo, original e multifacetado – é um desígnio que implica, em primeira instância, facultar o acesso aos textos.

Clóvis Gontijo, professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, acometeu esta importante tarefa. Após a valiosa tradução e apresentação ao público lusófono de *La Musique et l'ineffable* (*A Música e o inefável*, ed. Perspectiva, 2018), oferece-nos em língua portuguesa, *Quelque part dans l'inachevé*, entrevista concedida por Jankélévitch a Béatrice Berlowitz, a quem, precisamente, dezassete anos antes, dedicara aquele ensaio de estética musical.

Em algum lugar do inacabado é, sem dúvida, a melhor introdução ao pensamento de Jankélévitch, daí o valor acrescido desta publicação no atual contexto académico e editorial lusófono. No breve ensaio que serve de intróito ao volume agora publicado, *A necessidade do inacabado: uma introdução a Vladimir Jankélévitch*, conduzido com elegância e rigor por Clóvis Gontijo, e de que os neófitos não serão os únicos a tirar proveito, sublinha-se este carácter propedêutico e sinóptico, e procura delinear-se alguns dos traços fundamentais da obra do filósofo e musicólogo de origem russa a partir dos seus objectos de estudo e do seu método. Trata-se de uma filosofia que vive suspensa do seu próprio inacabamento, rapsodicamente relançada por perpétuas retomas e aberta à transfinita declinação dos seus temas de eleição. Foi em Rainer Maria Rilke, que Jankélévitch e Berlowitz colheram o mote e o título do volume: “em algum lugar do inacabado”, num passo d’ *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge* em que se evoca, oportunamente, o transporte afectivo e espiritual operado pela experiência musical.

Na introdução, evidencia-se como as noções tradicionais de objecto e método são subvertidas. Visar o “*je-ne-sais-quoi*” do tempo e do “*charme musical*” ou o “*presque-rien*” do instante e da intenção moral, é procurar inteligir tudo o que há de evasivo, imponderável e difluente e, todavia, de mais fulcral. Sendo que uma tal visada, na finura e rigor que exige, é feita de retomas na “entrevisão” do “mistério” que esses não-objectos constituem, mais do que de aproximações paulatinas por matizes sucessivos. O facto é que *objecto* e *método* são atravessados, na sua mútua definição, pela impossibilidade de conciliar o saber do *quê* (a quididade) e o saber do *que* (a pura efectividade tética de ser): tal é o quiasma do *scio quid / nescio quod* e do *nescio quid / scio quod*, em que uma metafísica meontológica e uma gnoseologia intuicionista se encontram implicadas. Embora este aspecto tenha sido justamente indicado, surpreende-nos que, ao esboçar o “método” jankélévichiano, não tenha sido dada relevância à lógica do paradoxo que o anima. Clóvis Gontijo sublinha o trabalho sobre a linguagem, a verve poética e a criação lexical, explorada até aos limites do silêncio místico, onde o catafático se rende ao apofático, bem como salienta o recurso ao discurso oximórico. Na verdade, “o insondável mistério de Deus, o inesgotável mistério do amor” (p. 66) não dão apenas azo à dialéctica da mudez do indizível *versus* verve do inefável, como bem é notado mas também implicam a

tensão das insolúveis contradições. Todavia, o leitor avisado que é Clóvis Gontijo, não deixa de sublinhar, num discurso entrelaçado de poesia e musicalidade, a espiritualidade e o estetismo que atravessam o exercício de finura pascaliana e de abertura extática ao mistério que representam o pensamento do autor do *Tratado das virtudes*, e que configuram, inequivocamente, um exórdio à mística.

O tradutor assinala ainda a fluidez melismática e a harmoniosa composição da entrevista:

uma continuidade, uma espécie de *legato* entre os temas explanados... a morte desemboca no silêncio, o silêncio modula para a música, a música convoca a noite da escuta, a noite converte-se em poesia, e esta conduz novamente à música, que então retorna por um maior número de compassos.¹

Na *Coda* da introdução, é delineado o perfil do homem que foi Jankélévitch. Figura em que a autenticidade foi sendo forjada através de compromissos fortes e duradouros. O “filósofo do inacabado”, como o chama Clóvis Gontijo, o melómano apaixonado, o moralista das vetustas virtudes foi também o resistente dos “anos negros” da Segunda Grande Guerra, que mais tarde militou pela imprescritibilidade dos crimes nazis e pugnou pela perpetuação da memória das vítimas do Holocausto, ou que ainda se juntou, imprevisível e jovial, às reivindicações estudantes nas investidas de maio de 1968

Em Algum lugar do inacabado abre-se-nos o horizonte multifacetado dos temas de Jankélévitch, os seus percursos problematológicos, e somos iniciados na singularidade do seu estilo e na peculiaridade do seu método, feito do duplo ritmo da tensão insolúvel dos contrários e da penetração intuitiva dos mistérios.

O texto nasce de uma fecunda interlocução que, como Béatrice Berlowitz sublinha no prefácio, beneficiou tanto da recolha do *instante* do improviso oral, como da elaboração *durativa* da escrita. Nele podem, assim, revelar-se tanto os matizes impressionistas, quanto o barroco flamejante de um estilo feito, ao mesmo tempo, de poder de sugestão e de incisiva fulgurância. Aí, somos advertidos: onde uns parecem ver a leveza inspirada do improviso fantasioso, Jankélévitch diz existir o esforço obstinado do trabalho meticuloso.

Perante um “género literário hoje explorado de modo indiscriminado” (p. 55) e que é tão em voga entre os filósofos, entrevistado e entrevistadora manifestam uma igual “desconfiança fundamental”. Este é apenas um dos traços em que se manifesta a congenialidade da entrevistadora, que, perspicaz, hábil, e grande conhecedora da obra de Jankélévitch, sabe oportunamente relançar e entrelaçar o fluxo ideativo daquele que fora seu mestre na Sorbonne.

Começando por demarcar-se da deriva narcísica na qual o exercício da “entrevista” poderia conduzir o “detestável eu” a comprazer-se no *já-feito* da obra, e esquecer que todo o mérito reside no *fazendo-se* do obrar, Jankélévitch enceta uma meditação sobre a natureza fundamental da (sua) actividade filosófica. Tudo parece

¹ V. Jankélévitch e Béatrice Berlowitz, *Em Algum Lugar do Inacabado*, introd., trad. e notas de Clóvis Salgado Gontijo (São Paulo: Perspectiva, 2021), 44.

consistir em levar a reflexão do limiar inferior ao limite superior do pensável, onde a linguagem é ela própria um “órgão-obstáculo” em perpétua refundição, pondo em movimento um método onde paradoxo e intuição enfrentam e penetram os “mistérios concretos” da ipseidade humana e do tempo, do fundamento da moral ou da experiência musical.

Abre-se o arco da moralidade, tenso entre a má-consciência do “culpado-inocente” e o “escândalo do puro amor”. A ocorrência fulgurante, mas fugaz, da intenção moral é o único e impermanente guia desta transfiguração. No regime intencionalista e kairológico desta ética, vivida ao ritmo das intermitências da “fada ocasião”, não há progresso, mas perpétua exigência de retoma e recomeço.

O pano de fundo de toda a interrogação é o mistério omnienglobante do tempo, experienciado a partir do duplo *pathos* da irreversibilidade e da irrevogabilidade, e da emergência do instante kairológico propulsando o devir. Cabe à consciência nostálgica penetrar o mais íntimo segredo da temporalidade: a “passadidade” do “ter-sido”, único e irrepetível, chancela paradoxal da irreversível futurição. No fim dos tempos está o indizível da morte como limiar absoluto, o “tornar-se nada”, de que não há experiência nem pensamento possíveis. “Nada há a pensar”, neste desígnio último, condição e impedimento de toda a vida verdadeiramente vivida.

Tais são algumas das imponderáveis tarefas da meontologia do “quase-nada” e da gnosiologia do “não-sei-quê”, recortadas numa metafísica que surge, assim, de uma intuição instantânea que se acende e apaga no ato mesmo de visar “a fina ponta do *quase*”, modo outro de pensar uma “filosofia primeira”.

A isto junta-se a experiência estesiológica do pianista amador que se entrega ao “sério deleite” da decifração e execução de um vasto repertório, em versão original ou em transcrições, onde pontificam a tríade Debussy, Fauré, Ravel, mas também Liszt, Rimsky-Korsakov, Mussórgski, Mompou, e outros mais. É no teclado que se molda a reflexão sobre a inefabilidade do “charme musical”. A “sinfonia dos murmúrios” nasce na “meia-hora encantada” da sinfonia ou da sonata, como prelúdio do silêncio ulterior que o silêncio anterior já tinha anunciado.

A fina exploração destes matizes e o cortante destas intuições exercita-se, agora com horizonte ético, na investigação da condição judaica. O anti-semitismo não deve ser confundido com um “racismo como qualquer outro”, mas antes entendido como o ódio pelo indiscernível e inexpugnável, ante a ambiguidade do “semelhante-dissemelhante”.

Assim evocado, o périplo parece meandroso, obscuro e verboso. Todavia, não se desenvolve desse modo o texto, fluido e harmonioso, já o dissemos, na evolução rapsódica dos seus melismas, nas reiterações barrocas dos seus motivos, ou na sábia elaboração do seu contraponto. Nunca a frescura e a autenticidade se perdem, nem a inspiração melódica se evanece.

Resultando de um longo convívio com o autor e de uma entrega séria e empolgada, a tradução proposta por Clóvis Gontijo é rigorosa e elegante, bem como manifesta a procura de um compromisso razoável entre a literalidade e a fluência idiomática da língua portuguesa. Não teme em assumir as suas opções ante as dificuldades do idioleto jankélévitchiano: faz escolhas lexicais, encurta períodos e fornece esclarecimentos em nota sempre que necessário. Cauteloso, é por vezes renitente a verter certos neologismos ou termos insólitos. Note-se, por exemplo, o caso de “*passéité*”,

que restitui como “ser passado do passado” ou, ainda, “carácter passado do passado” (p. 108 e 117). Ora, por que não “passadidade”, como já usam alguns especialistas portugueses, de que encontramos analogia no inglês “*pastness*”?

O volume apresenta ainda um índice onomástico de grande utilidade, descriminando as ocorrências por filósofos, músicos, escritores e personagens históricas e de ficção.

José Manuel Beato

Instituto de Estudos Filosóficos – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

jose.beato71@gmail.com

0000-0001-5254-7321

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_65_10

Francis Wolff, *Le Temps du monde: étude de métaphysique descriptive*. (Paris: Fayard, 2023). ISBN: 978-2-213-72811-7. 272 p.

Professor emérito da École Normale Supérieure (Rue d’Ulm), Francis Wolff começou o seu percurso académico como especialista do pensamento antigo, tendo vindo a desenvolver uma obra original situada na convergência entre as filosofias analítica e continental. *Dire le monde* (1997), *Notre humanité: d’Aristote aux neurosciences* (2010), *Pourquoi la musique* (2015), ou *Plaidoyer pour l’universel* (2019), são trabalhos cuja originalidade meditativa e viço analítico desafiam o hiato epistemológico que entre estas duas tradições se ergueu ao longo do século XX. No livro que ora apresentamos, assistimos a este mesmo derrube de barreiras, tão descomplexado quanto despretensioso, desta feita, enfrentando o meta-problema do tempo, enigma multiforme e mistério inexaurível, que Wolff aborda num estilo claro e rigoroso, mas cujo propósito e movimento ideativo não deixam, todavia, de ser ousados.

O objectivo e o ponto de partida ficam desde logo claros: trata-se de definir o tempo a partir de uma *metafísica descritiva* que, para além da dualidade do *tempo físico* (quer dizer, do tempo da natureza) e do *tempo da consciência* (ou seja, da temporalidade) abre a possibilidade de uma “terceira via”, aquela que conduz, precisamente, ao “tempo do mundo” (p. 44). Com isto, não se trata de contestar o valor das outras duas, podendo até dizer-se que a posição intermédia da “via do mundo” contribui para o esclarecimento das duas anteriores e para a superação das antinomias em que mutuamente se confinam.

Neste propósito, o autor deixa claro que a filosofia deve reassumir o seu papel no debate em torno do problema do tempo, como que se libertando, acrescentaríamos, do complexo de inferioridade de que tem padecido no contexto epistemológico contemporâneo, nomeadamente, ante a Física (Introdução). Nisto, Francis Wolff apresenta uma posição antagónica, por exemplo, à do físico Étienne Klein que, amiúde, vai conferindo à sua disciplina a legitimidade primeira para teorizar o tempo.

Como no Prólogo se anuncia e como adiante na obra se verá, o que escapa à ciência do tempo, nomeadamente à de Einstein, é o enigma da *agora*. Este sendo, na verdade, nada mais nada menos do que objecto da sua intuição fundamental e a sua realidade primeira.